

BELAS ARTES



Belas Artes

LUIS SAGASTI

*Tradução de
Fernando Miranda*



MOINHOS

SUMÁRIO

1 Vagalumes	11
2 Haicai	17
3 Cordeiros	55
4 Enuma Elish	67
5 Tinnitus	75
6 Bolhas	87
7 Pirlampos	95
8 Vagalumes	97
Apêndice	101
Agradecimentos	103



A Camila e Jeremias



*Ahí va el Capitán Beto por el espacio,
la foto de Carlitos sobre el comando
y un banderín de River Plate
y la triste estampita de un santo.*

Luis Alberto Spinetta



I VAGALUMES

O mundo é um novelo de lã.

Uma meada cuja ponta não é fácil de achar.

Às vezes, alguém agarra uma parte da superfície, a puxa, fica segurando um pequeno pedaço do fio e, de um só golpe, o corta. Depois, se outra ponta é encontrada, haverá tempo para atá-las. Uma receita de cozinha.

Algumas pessoas pensam que o mundo é um novelo de lã de um cordeiro que foi sacrificado há muito tempo, para que todo mundo possa se proteger.

E acham reconfortante essa ideia.

E há aqueles que pensam que na verdade o mundo está preso por fios. Como se a verdadeira meada estivesse em outro lugar. Então, são publicados títulos e mais títulos que tentam explicar coisas como *quem move os fios do mundo*. Capa de revistas: sobre um fundo negro, dois olhos ameaçadores. E há escritores que escrevem livro sobre esse tema. Tudo isso não passa da famosa teoria das conspirações. Explicação que é resultado de uma preguiça intelectual extraordinária: um grupo de homens decide tecer a trama de nossas vidas. Sem mais nem menos. Porque: a) são bons e puros; b) querem preservar seus rendimentos; c) são maus, muito maus; d) guardam um segredo que se fosse descoberto por todos nós, seria o fim para nós e, claro, para eles. Para quem leia o mundo dessa maneira, qualquer conspira-

ção, porque as conspirações sempre existiram, sabemos, é o resultado visível de uma conspiração maior. E as pequenas conspirações estão todas relacionadas entre si. O homem não chegou à lua; Paul McCartney morreu em 1967 e foi substituído por alguém igual a ele; Cristo desceu da cruz, teve gêmeas com Magdalena; Shakespeare é Francis Bacon; a Logia Lautaro é uma ramificação da maçonaria, que é uma ramificação da Rosa Cruz, que é uma ramificação dos gnósticos, e a árvore fica tão grande que além de não permitir ver o bosque, enche tudo de sombras, onde aparecem então os dois olhos negros ameaçadores, que querem que saibamos que há alguma coisa que é melhor não sabermos. Porque, e isso sim que sabemos, os conspiradores sempre deixam pistas, como se tudo não passasse de um jogo de esconderijo. Para as pessoas que pensam dessa forma, qualquer segredo se constitui num complô, porque, quando se conspira, se respira bem baixinho, em uníssono, do mesmo modo quando um segredo é contado.

Ninguém deveria acreditar nelas, mas sim nos segredos. Pois no fim das contas, a infância não era outra coisa senão o desvelamento progressivo de segredos bem guardados. Revelar tudo de uma vez só, não é revelar nada. A escuridão mais pura e a luz mais branca cegam da mesma maneira. Ver que nosso presente de dia de reis já foi comprado pelo nosso pai pelos próximos cinco anos.

Como saber quando não existem mais segredos? Quando é possível saber uma coisa dessas? Ou será que não há nada para saber?

Há segredos que fazem que o mundo funcione de determinada forma. Mas não deveriam ser chamados de segre-

dos. Seria mais prudente dizer *omissões*. Para que a máquina continue funcionando é melhor não dizer certas coisas. Toda família guarda um terrível segredo que, ao ser pressentido, cai no silêncio.

E há quem acredite que existem fios que sustentam o mundo *desde dentro*, como se o mundo fosse um grande novelo e nós fôssemos algo como insetos, formigas, moscas, dando voltas e sobrevoando em volta dele. Uma meada em que alguém tece alguma coisa. Ou talvez ninguém teça nada de nada. Um enorme cachecol sem Penélope, crescendo sem sentido no silêncio eterno dos espaços infinitos.

Do que sim temos certeza é que faz milhares de anos que a meada dá voltas sem parar.

Disso já sabiam os primeiros xamãs, bastava olhar as estrelas.

Não dá para ver bem as agulhas nem o pulôver ou o cachecol que sai disso tudo. Quem experimentaria. Um deus morto de frio na imensidão do espaço ou um deus que é o espaço a duzentos e setenta graus abaixo de zero, imóvel, congelado, observando que na meada giratória aparecem, de tempos em tempos, insetos fosforescentes que parecem vaga-lumes, que aparecem de um lado e do outro do novelo, como se pudessem atravessá-lo. Atravessá-lo, sim. De um lado a outro. Apenas esses vaga-lumes parecem fugir das agulhas. Ou talvez eles mesmos sejam as agulhas.

Lá fora faz frio; lá em cima faz frio. Sim, as estrelas no céu: centenas de milhares de graus e o zero absoluto é a distância que se cultiva entre umas e outras. A linha reta que une as Três Marias, por exemplo, é uma agulha de gelo mantido a duzentos e setenta graus abaixo de zero. Todas as constelações são feitas com agulhas de gelo que refle-

tem enormes animais que se escondem em algum lugar desse planeta-novelo.

Entre os homens deveríamos procurar apenas os vaga-lumes; o resto são animais cuja forma congelada (geada) se reflete nos céus.

Deveríamos nos transformar em vaga-lumes?

E desde que pela primeira vez os homens levantaram a cabeça e observaram as estrelas e começaram a diferenciar, através dos fios invisíveis de prata que as unem, começaram também a contar a história. De por que o novelo dá voltas para regressar todo ano ao mesmo lugar; quem é o costureiro, o grande animal, a grande rena, o grande urso, a grande lebre que com essas agulhas de gelo tece seu pulôver para proteger quem vai ali, já que sua pele é tão branca como seus próprios ossos. E durmam o sonho sem imagens e se transformem, claro, no sonho de outros. Ou ofereçam material para sua insônia.

Lá em cima faz muito frio. Por isso a história do grande pulôver é narrada junto ao fogo. E uma vez atrás da outra. E lá de cima, sentado na borda das agulhas de gelo que separam as estrelas, se consegue ver o fogo faiscando?, se pode ver a luz das cavernas?

Homens insetos, como um novelo, reunidos em volta do vaga-lume, que com seu relato ilumina a noite.

Faz frio lá fora. Convém sempre começar por onde faz frio, ou por onde haja líquido. Essa é a ponta do novelo. Para assim chegar mais tarde ao calor da boa terra.

Por onde começar, se não encontramos a ponta e não queremos romper a meada?

Começar pelas bocas abertas dos que diante do fogo escutam a história do novelo, por exemplo. Ou a boca aberta dos que morrem de frio.

Sempre que é a *primeira vez*, a boca se abre. Reproduz o abismo gelado que distancia as estrelas.

A respiração se detém no começo e no final. Sempre. A boca se abre. Ou os olhos, que são duas bocas que engolem tudo. O mundo cabe no corpo e assim que o ocupa completamente, explode contra o solo e sai em um grito. Ou em um suspiro.

Um, dois, três, e o *quatro* que não é pronunciado, a banda que não respira, e aí sim, a música das esferas começa a soar.

